

Entrevista com o professor Ataliba de Castilho

Por Arabie B. Hermont*, Ev'Angela B. R. de Barros** e Marco Anrônio de Oliveira***

O professor Ataliba Teixeira de Castilho, um dos ícones da Linguística Brasileira, é formado em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (FFLCH/ USP), universidade na qual se doutorou, atuou como Professor Titular de Filologia e Língua Portuguesa (1996 a 2006), obteve os títulos de livre-docente em Filologia e Linguística Portuguesa (1993) e de Professor emérito da FFLCH/USP (2013). Tendo feito diversos estágios pós-doutorais em centros de renome no exterior, atuou também como Professor Titular da UNESP/ campus de Marília (1961-1975); como *visiting professor* da Universidade do Texas em Austin (1970). Professor Titular do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP (1975-1991), cargo em que se aposentou em 1991.

Atualmente é professor colaborador voluntário na Universidade Estadual de Campinas. Com diversos trabalhos publicados no Brasil e no exterior, tendo coordenado diversos projetos de grande relevância que investigaram o Português Brasileiro a partir da modalidade culta falada, é um dos linguistas brasileiros mais reconhecidos, nacional e internacionalmente.

* Professora Adjunta IV do Departamento de Letras da PUC Minas; Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas.

** Professora Adjunta IV do Departamento de Letras da PUC Minas; Coordenadora Adjunta do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas.

*** Professor Adjunto IV do Departamento de Letras da PUC Minas; Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas.

Hermont, Barros e Oliveira:

Nesta edição da Revista Scripta, buscamos reunir trabalhos que compreendem a análise da língua sob diversos enfoques. Desde há muito, abordagens formalistas e funcionalistas se mostram dicotômicas, mas certamente todas elas trazem pontos de convergência, como o fato de sua concretização (materialização), no âmbito do indivíduo, ser fruto de uma série de operações cognitivas e, no âmbito da interlocução, ser fruto de uma série de circunstâncias sociais. Com base nesta contextualização, gostaríamos de fazer-lhe algumas perguntas:

A concepção linear de língua (resultante de ordenação rigorosamente hierarquizada desde sua elaboração), estruturalista, reinou por longo período. Nas últimas décadas, florescem abordagens que enxergam os fenômenos linguísticos sob uma perspectiva reticular, buscando a compreensão da efervescência (concomitância) de processos cognitivos. Como o Senhor percebe esse momento da Linguística Cognitiva?

Castilho:

Este, na verdade, é um momento criado também pelo movimento epistemológico conhecido como “Ciência dos sistemas complexos”, que começou a ser explorada no Brasil por um grupo de pesquisadores mineiros, que atuam sob a liderança de Hugo Mari, na PUC Minas. Juntamente

com a Linguística Cognitiva, essa epistemologia abriu caminho a novas percepções sobre as línguas naturais.

Comecei a desenvolver algumas ideias a respeito dos postulados dessa epistemologia, quando resolvi – juntamente com Milton do Nascimento – produzir algumas generalizações com base nas descobertas do Projeto NURC e do Projeto de Gramática do Português Falado no Brasil. Ficou claro, na ocasião, que a língua falada revelava, mais que a escrita, os processos de criação linguística, o que permitia retomar o programa de pesquisas de W. Von Humboldt, quando ele sustentava que a língua é uma enérgia, um processo, mais que um érgon, um produto acabado. Também Carlos Franchi, aqui na Unicamp, desenvolvia essas ideias, sem se apoiar, entretanto, nos achados da língua falada.

Análises da língua falada mostravam que a concepção da língua-linha não dava conta, por exemplo, da simultaneidade entre uma sintaxe vertical e uma sintaxe horizontal – aquela, já identificada, por exemplo, por Claire Blanche-Benveniste. Os estudos da oralidade estavam trazendo novas percepções sobre a linguagem – e é conveniente lembrar que o Brasil, talvez pela primeira vez, se antecipou a outros centros de produção do conhecimento linguístico, explorando a oralidade. Basta olhar para esta tabela cronológica:

(1) Desde 1967, na América Espanhola, e posteriormente na Espanha, "Proyecto de Estudio de la Norma Urbana Lingüística Culta". Figura central: Juan M. Lope Blanch, do Colégio de México, falecido em 2003.

(2) Desde 1970, no Brasil, "Projeto NURC/Brasil", derivado do anterior. Principais figuras: Nelson Rossi (Ba), Ataliba T. de Castilho, Isaac Nicolau Salum e Dino Preti (SP), Celso Cunha (RJ), José Brasileiro Vilanova (Recife) e Bem Veiga (Porto Alegre).

(3) Desde 1970, em Portugal, "Projecto do Português Fundamental". Principais figuras: João Malaca Casteleiro, Maria Fernanda do Nascimento, Maria Lúcia Garcia Marques e Maria Luísa Segura da Cruz.

(4) Desde 1974, nos Estados Unidos, "Conversational Analysis", sob a liderança de Sacks, Jefferson e Schegloff. Em 1993, Sandra Thompson fez derivar deste movimento a sua "Interactional Syntax", com uma vasta produção.

(5) Desde 1979, na França, "Groupe Aixois de Recherches en Syntaxe". Figura central: Claire Blanche-Benveniste. Publicam a revista *Le Français Parlé*.

(6) Desde 1981, na Itália, Rossana Sornicola – Sul Parlato. Seguiu-se o *Lessico Italiano di Frequenza*, coordenado desde 1992 por Tullio de Mauro.

(7) Desde 1982, no Brasil, "Projeto

Censo Linguístico do Rio de Janeiro", seguido pelo PEUL. Principal figura: Anthony Naro.

(8) Desde 1985, no Brasil, "Projeto Censo Linguístico do Sul", VARSUL.

(9) Desde 1993, no Brasil. "Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba".

(10) Desde 1993, em Moçambique "Projeto Panorama do Português Oral de Maputo". Principal figura: Maria Perpétua Gonçalves.

Hermont, Barros e Oliveira:

Há alguns anos, com o lançamento da sua Nova Gramática do Português Brasileiro, o Senhor buscou avançar uma análise que fomentasse (e paralelamente se nutrisse de) estudos linguísticos genuinamente brasileiros e visceralmente interdisciplinares, por ser esta a base da visão Multissistêmica. Fale-nos sobre a "abordagem multissistêmica" e se ela vem encontrando terreno fértil na comunidade acadêmica brasileira.

Castilho:

As descrições do PB falado foram o gatilho para a formulação desta abordagem. Na altura, os procedimentos analíticos fundamentados na teoria clássica foram desafiados por fenômenos do tipo:

a) Anacoluto

(1) [Conversa num ponto de ônibus]

a) Loc. 1 – *mas como está demorando hoje, hein?*

Loc. 2 – *só::... e quando chega... ainda vem todo sujo... lotado... isso sem falar na tarifa... que sobe todo mês...*

b) *... é o tal negócio... sei lá... entende?* (DID RJ 18)

c) *Cada um fica mais ou menos responsável por si pelo menos... por si... fisicamente... né? de higiene... de... trocar roupa... todo esse negócio...* (D2 SP 360)

b) Repetição
(2) a)

	<i>peixe</i>	
	<i>peixe</i>	<i>aqui no Rio Grande do Sul</i>
<i>eu tenho impressão que se come</i>	<i>peixe</i>	<i>exclusivamente na Semana Santa</i>

(D2 POA 291)

b)

<i>funciona mal</i>	<i>a que le negócio de...</i>	
	<i>a que le negócio de limite de idade</i>	<i>funciona muito mal</i>

(D2 SP 360)

c) Segmentos epilinguísticos (aqui transcritos em negrito):

(3)

a) *o terreiro (...) é:: um:: como poderia chamar? um chão...* (DID SP 18)

b) *já há um processo... seria melhor dito... já um processo de análise... já há um exame...* (EF POA 278)

c) *mas então... digamos assim... esse processo de análise poderia...*

d) **Marcadores discursivos**, tais como *bom, e então, agora..., né?* e muitos outros.

Esses fenômenos levantavam problemas do tipo: a) Como entender e analisar segmentos cujo tópico não foi lexicalizado, como (1b)? b) Se sintagmas e sentenças ainda são válidos como categorias para a descrição sintática, o que fazer com segmentos que aparentemente ainda não se estruturaram, como (2a e 3b)? c) As repetições, tão frequentes na língua falada, esconderiam alguma regularidade? Haveria alguma relação entre repetir e organizar os constituintes sentenciais, como em (2b)? d) Alguns segmentos interrompem o fluxo da interação, mais parecendo que falamos conosco mesmos, como em (15). O que se aprende com isto, a respeito da construção da linguagem? e) Como analisar os marcadores discursivos? Como classes gramaticais? Como

processos de constituição do texto?

Uma busca intensiva por respostas percorre os oito volumes da coleção *Gramática do Português Falado*. Eu mesmo esbocei algumas respostas: Castilho (1989, 1994, 1997b, 1998b, c). Muitos linguistas, intrigados com essas “irregularidades”, estavam à busca de respostas. Destaco dessa literatura todas as seguintes “afirmações-perguntas”, formuladas por Dorothea Frank e Rossana Sornicola:

“What type of objects should be taken as sentences in order to make compatible its definition with the assumptions of Conversation Analysis? Instead of analyzing sentences as completed products from a post-factum perspective, it seems more acceptable to study them as processes which unfold in time”, i.e., like dynamic entities”: Franck (1981: 14).

“La mia impressione è che in effetti questo quadro teorico (...) possa essere estremamente fruttuoso negli studi sul parlato spontaneo. Le oscillazioni e fluttuazioni, talora impercettibili all’orecchio umano, talora di grande entità, che caratterizzano il parlato spontaneo, possono essere meglio comprese all’interno di un quadro concettuale incentrato sulla complessità e sul non determinismo”: Sornicola (1994: 120).

As citações acima lidam com conceitos linguísticos desafiadores, tais como: a interface entre as estruturas sintáticas e as estratégias de administração dos turnos conversacionais; análise de processos, e não apenas análise de produtos linguísticos; complexidade; não determinismo; língua como atividade, *etc.*

É bastante claro que esses linguistas estão lidando com a propriedade dinâmica da linguagem, que já vinha ocupando a atenção dos cognitivistas. É também muito claro que eles estavam lidando com a dicotomia “produção vs. produto”, que cruza com frequência a história da Linguística.

Para considerar os fenômenos linguísticos em seu dinamismo, mostrou-se necessário tomar outra direção, integrando a Linguística entre as ciências dos domínios complexos, que debatem atualmente um conjunto de fenômenos tais como a circulação dos fluidos, a previsão do tempo, as oscilações dos ciclos econômicos, o crescimento populacional, as proteínas como sistemas em movimento, ou mesmo o funcionamento do cérebro, as relações neuronais, *etc.* Esses fenômenos não revelam a ordem, a simetria e a elegância esperadas pelas ciências clássicas. Eles são mais bem entendidos como processos criativos frequentemente denominados “caos” ou sistemas complexos.

A Abordagem multissistêmica, de orientação funcionalista-cognitivista, define-se pelos seguintes postulados: (1) processos e produtos convivem num mesmo recorte de língua; (2) processos e produtos linguísticos são multissistêmicos, ultrapassando e englobando os limites da Gramática; (3) um dispositivo sociocognitivo administra os sistemas linguísticos.

Para entender a língua como um sistema complexo, será necessário aceitar as afirmações contidas nas seções que se seguem.

1. Processos e produtos linguísticos são multissistêmicos e simultâneos

A percepção multissistêmica da língua representa uma resposta aos desafios de descrever a oralidade, tanto quanto uma reação a afirmações que se podem encontrar na literatura sobre gramaticalização. Contraponho àquelas afirmações a postulação da língua como um sistema dinâmico e complexo, configurado no quadro das ciências dos domínios complexos.

A postulação da língua como um sistema complexo pode ser definida através das seguintes premissas:

(1) *Do ângulo dos processos, as línguas serão definíveis como um conjunto de atividades mentais, pré-verbais, organizáveis num multissistema operacional.*

Os processos que organizam as línguas entendidas em seu dinamismo operam (i) simultaneamente, não sequencialmente, (ii) dinamicamente (não são entidades estáticas), (iii) multilinearmente (não são entidades unilineares).

A língua-enquanto-processo pode ser razoavelmente articulada em quatro domínios: (1) Lexicalização, (2) Discursivização, (3) Semanticização e (4) Gramaticalização.

Ainda que timidamente, os estudos sobre a gramaticalização levantaram o véu da língua-enquanto-processo. Os estudos sobre a gramaticalização falharam, entretanto, ao não enquadrar o processo da gramaticalização entre outros processos de criação linguística, restringindo a tratá-lo como um epifenômeno.

(2) *Do ângulo dos produtos, as línguas serão apresentadas como um conjunto de categorias igualmente organizadas num multissistema.*

A língua-enquanto-produto é um conjunto de categorias agrupadas em quatro sistemas: (1) Léxico, (2) Discurso, (3) Semântica (4) Gramática.

Esses sistemas serão considerados autônomos uns em relação aos outros, ou seja, não se admitirá que um sistema determina/deriva de outro, nem se proporá uma hierarquia entre eles. Com isso, não se postulará a existência

de sistemas centrais e de sistemas periféricos. Com isto, reformulo Castilho (2003a), em que tinha proposto o Léxico como o módulo central das línguas naturais, violando assim o princípio da indeterminação intersistêmica. Em consequência dessa premissa, qualquer expressão linguística exibe ao mesmo tempo características lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais.

2. Processos e produtos recolhidos nos sistemas linguísticos

2.1. Léxico e lexicalização: O Léxico é entendido como o conjunto de palavras de uma língua, dispostas em categorias tais como o Substantivo, o Pronome, o Verbo, o Adjetivo, o Advérbio, o Artigo, a Conjunção e a Preposição, numa língua como o PB. Cada item pertencente a essas categorias representa a lexicalização de um conjunto de traços. Isso torna sem sentido assumir que um Substantivo gera um Advérbio, um Advérbio gera uma Preposição e assim em diante, como se assume comumente nos estudos sobre a gramaticalização. Durante a aquisição do Léxico, nós, provavelmente, adquirimos primeiro as categorias e subcategorias cognitivas, tanto quanto a habilidade de combiná-las em diferentes padrões, reunidas nas palavras por convenções sociais.

A Lexicalização é o processo de criação das palavras, por meio da etimologia (lexicalização ocorrida na língua-fonte), neologia (lexicalização ocorrida na língua-alvo), derivação (lexicalização ocorrida no interior da língua alvo, por meio do desdobramento de itens previamente existentes), ou por meio de empréstimo lexical (lexicalização ocorrida por contacto linguístico). Em suma, Lexicalização e Léxico devem ser entendidos num *continuum*, que vai da cognição pré-verbal para a expressão verbal, da língua-enérgia para a língua-érgon, interpretando dessa maneira os conceitos formulados por Wilhelm von Humboldt. Durante a interação, o falante e o ouvinte tomam decisões sobre como lexicalizar e como administrar o Léxico, que propriedades ativar, reativar ou desativar. Essa administração estabelece um conjunto de momentos, termo tomado aqui em seu sentido etimológico de "movimento".

2.2. Semântica e semanticização: A Semântica é o sistema configurado pelas seguintes categorias: referência, predicação, verificação, foricidade e junção. Inicialmente, a Semântica ocupou-se da mudança e da tipologia dos sentidos, concentrando-se no estudo da palavra. Isto caracterizou a Semântica lexical, que investiga também questões tais como sinonímia, polissemia, campos

semânticos. A Semântica composicional (ou Semântica sintática) estendeu esse domínio, tratando dos processos de mudança metonímica de itens dispostos numa contiguidade sintagmática, a da incidência de algumas palavras sobre outras (operadores e escopo), etc. A Semântica pragmática trata dos sentidos gerados no espaço que medeia entre os falantes e os signos linguísticos, em que os sentidos apurados não são contidos nas palavras nem nas construções gramaticais. Ela trabalha com processos tais como inferência, pressuposição, atos performativos, implicatura conversacional, e assim por diante.

A semanticização é o processo de criação, modificação e categorização do sentido linguístico. Esse processo cobre os campos da semanticização lexical, composicional e pragmática. No processo de criação e modificação dos sentidos, várias estratégias são desenvolvidas, algumas delas referidas na seção anterior. Dada a natureza dinâmica própria da fala, a mudança dos sentidos é um processo contínuo, que levanta mais perguntas do que respostas. Heine; Claudi; Hünemeyer (1991a) organizaram um quadro interessante para capturar as representações semânticas das categorias cognitivas básicas.

2.3. Discurso e discursivização: É bem sabido que o termo "discurso" envolve diferentes realidades. Relaciono aqui as seguintes:

(I) Execução individual do sistema linguístico, o mesmo que fala, que corresponde à *parole* saussuriana. O estudo da fala foi inicialmente desenvolvido pela Estilística. Certos tipos de Análise do Discurso contemporânea representam sua continuação.

(II) O mesmo que enunciado, ou combinação de sentenças, sujeito a certas regularidades. Alguns modelos estruturalistas empreenderam a descrição desse objeto.

(III) O mesmo que texto, entendido como uma estrutura acabada, na qual podemos identificar suas unidades.

(IV) O mesmo que interação linguística, conversação, organizada por um aparato que inclui o falante, o ouvinte, o assunto, e o conjunto de imagens construídas pelos falantes sobre eles mesmos e a posição que eles assumem com respeito ao assunto: Sacks; Schegloff; Jefferson (1972), Marcuschi (1983), Preti (Org. 1993, 1997, 1998, 2000, 2002).

(V) Finalmente, entende-se também por discurso a articulação ideológica contida nos textos. Nesse sentido, a Análise do Discurso é uma espécie de nova Retórica, voltada para a hermenêutica dos textos, para surpreender as "formações discursivas".

Talvez o único ponto em comum entre os analistas do discurso é sua determinação de ultrapassar a sentença como um limite da análise linguística, um programa que se encontra em teorias como o Funcionalismo. A interpretação do Discurso como texto, como em (iii), e como conversação, como em (iv), será tomada em conta aqui, embora nem sempre as direções esquematizadas acima sejam apresentadas com clareza na literatura.

A Discursivização será entendida, em consequência, como o processo de criação do texto, mormente durante uma conversação. Ela abriga um número de atividades de interação que envolvem o falante e o ouvinte (ou o escritor e o leitor), através das quais nós (i) instanciamos os participantes da conversação, construindo suas respectivas imagens, (ii) organizamos a interação, desenvolvemos o tópico conversacional, objetivando agir sobre o outro, informar ou externar sentimentos, (iii) reorganizamos a interação por meio dos processos de correção sociopragmática, (iv) abandonamos o ritmo corrente por meio de digressões e parênteses, o que habitualmente gera outros tópicos do discurso, e (v) estabelecemos a coesão textual por meio de vários expedientes.

O produto da Discursivização, portanto, é o Discurso, entendido como texto, e sua disposição em gêneros. Os pesquisadores

do PGPf identificaram as seguintes categorias, que configuram o sistema do Discurso: (i) unidades discursivas, (ii) estrutura tópica, (iii) reformulação da estrutura tópica por meio da repetição, da correção, do parafraseamento, (iii) descontinuação da estrutura tópica por meio da hesitação, da interrupção, da parentetização, e (iv) conectivos textuais expressos por marcadores discursivos e por conjunções textuais.

Algum desconforto entre os pesquisadores pode ser identificado quando essas questões são tratadas como casos de gramaticalização. Em tais casos, diferentes processos linguísticos convergiriam para uma única dimensão da Gramática, como se pode ver em Bittencourt (1999), Gorski; Gibbon; Valle; Rost; Mago (2002), Braga; Silva; Soares (2002), Braga; Paiva (2003), Jubran; Koch (Orgs. 2006). Em Castilho (1997a: 60), objetei que esse ponto de vista trata a gramaticalização como um epifenômeno, o que obscurece esse processo.

2.4. Gramática e gramaticalização:

Entre os quatro processos constitutivos da língua, o da Gramaticalização é de longe o mais estudado. A Abordagem Multissistêmica restringe o papel da gramaticalização à criação e mudança (i) da estrutura fonológica das palavras (fonologização), (ii) da estrutura

morfológica da palavra (morfologização) e (iii) da estrutura sintática da sentença (sintaticização).

A Gramática é o sistema que resulta da gramaticalização, consistindo de estruturas em processo de cristalização, arranjadas em três subsistemas: fonologia, morfologia e sintaxe. Reflexões sobre a Gramática têm sido organizadas à volta de suas classes, relações entre essas classes, e as funções que elas desempenham nos enunciados. Constituem classes gramaticais o fonema, a sílaba, o morfema, a palavra, o sintagma e a sentença. As relações gramaticais são expressas pela transitividade, concordância e colocação. As funções gramaticais são expressas pelo predicado, pelos argumentos e pelos adjuntos.

3. Um dispositivo sociocognitivo administra os sistemas linguísticos

Seja como conjunto de domínios (ou processos), seja como conjunto de sistemas (ou produtos), a língua continuará a depender de uma articulação que assegure a eficácia de seu uso. Essa articulação se dá ao abrigo do que venho chamando de “dispositivo sociocognitivo”, explicitável por meio da ativação, desativação e reativação de propriedades.

Esse dispositivo se fundamenta nas estratégias da conversação, que é a utilização mais básica das línguas naturais. Ele tem uma dimensão cognitiva e uma dimensão social.

Ele é *cognitivo* porque se fundamenta na representação de categorias e subcategorias cognitivas. Essas categorias, como já foi assinalado aqui, não são exclusivas nem negativas, visto que umas não se opõem a outras. Ao contrário, elas são problemáticas e integrativas. Já destaquei que a categoria da PESSOA, representadas na dêixis, é ordenadora dos processos e produtos dos sistemas linguísticos, e nisto acompanho Nascimento; Oliveira (2004). No PB, o sistema dos pronomes pessoais vem sendo alterado, com repercussões na morfologia verbal e na sintaxe.

Mas esse dispositivo é também *social*, porque baseado na análise continuada das situações que ocorrem numa conversa, mais particularmente, na gestão dos turnos conversacionais. A conversação é de fato a atividade linguística básica, e pode proporcionar-nos alguns elementos de interesse para esta demonstração. O dispositivo sociocognitivo gerencia os sistemas linguísticos, garantindo sua integração para a eficácia dos atos de fala. De acordo com esse dispositivo, o falante ativa, reativa e desativa propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais no momento da

criação de seus enunciados, constituindo as expressões que pretende “pôr no ar”.

A postulação desse dispositivo, volto a insistir, decorreu dos achados da Análise da conversação e do PGPF, projetos que tomaram exclusivamente a língua falada como objeto empírico. Descobrimos que a língua falada é mais reveladora dos processos de criatividade que a língua escrita. A interpretação teórica desses achados motivou Nascimento (1993/2005) e Kato (1996/2002) a desenvolverem reflexões fundadas nos mais de 200 ensaios preparados, debatidos e publicados pelo PGPF.

O dispositivo sociocognitivo compreende os seguintes movimentos:

3.1. Dispositivo de ativação: o Princípio de projeção. Quando conversamos, tentamos o tempo todo prever os movimentos verbais do interlocutor, isto é, se ele completou sua intervenção, se ela ainda está em curso, se devemos antecipar o momento de nossa entrada no curso da fala, etc. Para dar conta desse mecanismo, que assegura a manutenção da conversação, Sacks; Schegloff; Jefferson (1974: 702) postularam um “*componente de construção de turnos*” cujas unidades-tipo, isto é, as palavras, os sintagmas e as sentenças com os quais o falante contrói seu turno, “*projetam a próxima unidade-tipo*”, numa sorte de antecipação da atuação verbal do interlocutor.

Proponho que o dispositivo de ativação se fundamenta no princípio da projeção discursiva: Castilho (1998/2004). Esse dispositivo é responsável pela ativação das propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais, descritas nesta gramática: (i) Princípio de projeção, por meio do qual organizamos a estrutura argumental da sentença simples e da sentença complexa; (ii) inserção de tópico novo.

3.2. Dispositivo de reativação: o Princípio de recursão. No curso de uma conversação, temos frequentemente de mudar seu rumo, seja corrigindo nossas próprias intervenções (= autocorreção), seja corrigindo a intervenção do interlocutor (= heterocorreção). O sistema de correção conversacional busca eliminar os erros de planejamento. Proponho que o dispositivo de reativação das propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais se fundamenta na estratégia de correção pragmática, o que explica os seguintes fenômenos, pelo menos: (i) a repetição e a paráfrase na reformulação do quadro tópico; (ii) a repetição e a organização do sintagma; (iii) o papel dos substantivos na derivação referencial; (iv) a recursão da preposição na formação das preposições complexas. O Princípio de recursão capta estes e outros fenômenos.

3.3. Dispositivo de desativação: o Princípio de elipse. Também se observam na conversação movimentos de abandono ou desativação de uma estratégia em curso, e conseqüente ativação de outra. Isso explica as *despreferências*, termo proposto por Marcuschi (1983) para denominar a estratégia que consiste em verbalizar o que não é esperado, violando-se o princípio de projeção pragmática. Isso ocorre quando respondemos a uma pergunta com outra pergunta, quando recusamos um convite, etc. Nestes casos, segundo esse mesmo autor, cria-se na conversação um “vazio pragmático”.

Proponho que o dispositivo sociocognitivo de desativação, ou da elipse, se fundamenta na estratégia conversacional de despreferência. A elipse é utilizada na argumentação sintática e concorre fortemente para a caracterização das seguintes categorias: (i) fonema elíptico; (ii) morfema zero; (iii) argumentos sentenciais vazios; (iv) elipse do verbo; (v) descontinuação do quadro tópico. A desativação é, portanto, o movimento que ocasiona o abandono de propriedades que estavam sendo ativadas. Gera-se um silêncio no planejamento verbal, a que se seguem simultaneamente as ativações e as reativações.

É importante enfatizar que esses princípios operam ao mesmo tempo, não sequencialmente; acompanho Lakoff (1987) nesse raciocínio. Assim,

a desativação ocorre simultaneamente com a ativação, e esta com a reativação, o que compromete o princípio da unidirecionalidade, se estivermos considerando os mecanismos intersistêmicos de produção linguística.

Os princípios sociocognitivos agem por acumulação de impulsos, simultaneamente, e somente assim poderemos dar conta da extraordinária complexidade da linguagem. Neste quadro, fica difícil concordar com as análises que mencionam o “desbotamento” do sentido, a “erosão” fonética, pois a língua desvela um processo contínuo de ganhos e perdas. Melhor seria enquadrar a mudança linguística no quadro do “pensamento não linear complexo”, debatido, por exemplo, em Carvalho; Mendonça (Orgs. 2004).

É digno de nota constatar-se que os pesquisadores das redes neurais chegaram aparentemente a uma conclusão semelhante, assim descrita por Cilliers (2000: 67):

Uma rede neural consiste numa grande coleção de nós interconectados, ou 'nêurons'. Cada nêuron recebe inputs de muitos outros. Cada conexão dispõe de certa força associada a ela, com o peso dessa conexão. Esses pesos têm valores reais que tanto podem ser positivos (excitatórios), negativos (inibitórios), ou

zero (implicando em que os dois neurons respectivos não são conectados) (meus sublinhados).

Sendo fenômenos mentais, as línguas não haveriam de escapar ao funcionamento das redes neurais. Seu dispositivo central, apresentado sob a forma do dispositivo sociocognitivo nesta secção, exhibe comportamentos assemelhados quanto à excitação (= ativação) e à inibição (= desativação).

O seguinte gráfico representa a Abordagem multissistêmica das línguas naturais:



Neste gráfico, DSG significa “dispositivo sociocognitivo”. As flechas indicam que o DSG afeta todos os sistemas linguísticos. Observe-se que não há linhas reunindo os sistemas do Discurso, da Semântica, do Léxico e da Gramática, conceituados aqui em sua independência uns em relação aos outros. Interfaces podem ocorrer, mas não regras de dependência, ou seja, o Léxico não governa a Gramática, esta não governa a Semântica ou o Discurso, e assim por diante.

Hermont, Barros e Oliveira:

Em passado recente, o Senhor apontou como uma das especificidades da pesquisa linguística brasileira o trabalho coletivo para enfrentar os desafios da área e salientou a enorme produção – que tem vindo a público – de grandes projetos como o NURC (Norma Urbana Culta), o Projeto de Gramática do Português Falado e o PHPB (Projeto História do Português Brasileiro), entre outros, que congregam esforços de pesquisadores de todo o país. Hoje se pode afirmar que a comunidade científica esteja “enxergando criticamente” (e utilizando) o farto material produzido para avançar rumo a análises mais proficuas do PB?

Castilho:

Sim, os *corpora* disponibilizados por esses projetos são frequentemente utilizados por jovens pesquisadores, em seus trabalhos de grau, e por seus orientadores. Até aqui, tudo bem. Entretanto, quanto ao “olhar crítico” sobre o objeto de suas pesquisas, ainda estamos muito atrasados. Me explico.

Em diversas ocasiões tenho mostrado que, quando da instalação da Linguística moderna no Brasil, não dispúnhamos de estudos empíricos sobre a complexidade linguística brasileira: português brasileiro falado e escrito, línguas indígenas, línguas africanas trazidas ao Brasil, língua dos imigrantes, *etc.* Em

consequência, não era possível propor generalizações sobre uma empiria ainda inexistente. Digo isso porque, como se sabe, quanto mais empiria, mais teoria; quando mais teoria, mais empiria. Os dois procedimentos se completam e se alimentam, num percurso sem fim.

Dadas essas circunstâncias, os linguistas brasileiros saíam à caça de linguistas estrangeiros de prestígio, que traduziam, escreviam textos sob a orientação escolhida, orientavam seus alunos seguindo suas ideias, transformando-se numa espécie de despachantes tropicais daquela figura. Já chamei a isto a fase “agarre seu francês”, visto que, na altura, a França era grande criadora de teorias linguísticas. Mas o tempo passa, a vida passa e a uva passa – entretanto, mesmo dispondo de materiais sobre os quais fundamentar o desenvolvimento de teorias, os brasileiros seguem na mesma batida dos anos 70. Penso, às vezes, que eles consideram muito arriscado teorizar, ou então, como se fosse uma *capitis diminutio* debater escritos de linguistas brasileiros como ponto de partida para suas reflexões.

Em consequência, o debate teórico não avança, e seguimos importando modelos. Já propus a várias universidades a fundação de um Programa Interinstitucional de Teorização linguística, pois um programa tal não pode ser desenvolvido por uma universidade. Seria um segundo

momento dos nossos vitoriosos projetos coletivos de pesquisa. Precisamos, sem dúvida, levar essa proposta a cabo, para tirar a Linguística brasileira de seu marasmo, no que diz respeito a fazê-la avançar.

Hermont, Barros e Oliveira:

A inclusão de estudos científicos rigorosos da língua oral na agenda dos linguistas brasileiros sofreu considerável resistência, durante décadas do século XX. Hoje é naturalizada a ideia de que a Linguística de *Corpus*, como abordagem teórica, se construa sobre análises quer da fala, quer da escrita. No entanto, a prevalência de distinto valor atribuído às modalidades oral e escrita – como objetos de estudo e/ou de ensino, nos Cursos de Letras, a despeito da grande quantidade de trabalhos acadêmico-científicos que vêm sendo produzidos, faz com que muitos dos resultados de trabalhos importantes não ressoem na formação desses profissionais. Em decorrência, o fosso academia / educação básica (*locus* de atuação de muitos egressos), por exemplo, mantém-se acentuado. Como o Senhor avalia essa situação?

Castilho:

Na resposta anterior, mencionei certo ensimesmamento da Linguística

brasileira, justamente no momento em que ela se espalhou por toda parte, dada a criação de novas universidades. Associações criadas anteriormente seguem ativas, muitas publicações foram lançadas, mas, aparentemente, pouca influência tem sido exercida nos costumes acadêmicos brasileiros.

Estou convencido que grande parte dessa inércia decorre dos processos de recrutamento de novos professores. Têm-se valorizado as “crias da casa”, professores e alunos não se movimentam por outros espaços acadêmicos. O sentido mesmo da *universitas* se perdeu. Gerou-se, assim, uma grave consanguinidade, que os americanos rotulam pejorativamente como um caso de *inbreeding*. Por outras palavras, temos produzido mais do mesmo.

A pouca repercussão disso tudo na formação de profissionais do ensino é um efeito secundário do temor de expor-se ao outro, apesar de alguns núcleos que procuram sair dessa circunstância.

Hermont, Barros e Oliveira:

Para grandes estudiosos contemporâneos das ciências sociais e humanas, o momento atual é de reconciliação entre nuances, antes fragmentadas de diversos aspectos concernentes à vida humana – político, social, etc. Para Edgar Morin, é preciso abraçar a complexidade da existência humana –

considerando-se, dada a etimologia do item, complexo como “tudo aquilo que é tecido junto”. Boaventura Santos fala da “ecologia dos saberes” – a redescoberta dos liames todos que possibilitam a existência humana na Terra – e aposta na revalorização das Ciências Humanas: a criação de tecnologias humanas como forma de oposição à era do cientificismo positivista e escravista. Temos, no âmbito dos estudos linguageiros, uma proposta de “Ecolinguística” como forma de maior compreensão do epifenômeno que é a linguagem.]

Nesse mesmo sentido, o Senhor, ao construir sua Nova Gramática do PB, afirmou ter encontrado, na adoção dos princípios das ciências dos domínios complexos (tais como formulados por Gleick, 1988; Waldrop, 1993; Cilliers, 2000), a perspectiva para compreender esse multifacetado fenômeno. Poderia falar um pouco mais a respeito desse cenário e da sua perspectiva metodológica?

Castilho:

Tratando da repercussão da Abordagem Multissistêmica, mesmo reconhecendo sua modéstia, devo lembrar algumas dissertações de Mestrado e teses de Doutorado que têm sido escritas com fundamento nela. Além de trabalhos pessoais, sobre a gramaticalização de *vez*, a expressão *acho que*, as preposições,

a sentença matriz, a minissentença, a concordância e outros temas, redigiram ensaios e/ou teses nessa linha Terezinha Barreto (UFBA), Marcelo Módolo, José da Silva Simões, Verena Kewitz, Henrique Braga, T. Kobashi (USP), F. Laura, Flávia Orci Fernandes, Marcel Caldeira, Janaína Olsen (Unicamp). Em seu livro de *Introdução à Linguística*, Bagno (2014: 23-27) integra esta proposta entre outras teorias linguísticas. O próximo passo será aprofundar o recorte epistemológico que fundamenta essa abordagem e, para isso, conto poder estreitar relações com o grupo *Complex Cognition*, da já referida PUCMG. A tendência, em suma, é de desencapsular a Linguística de seu entorno como Ciência Humana, buscando outras parcerias.